

EXPERIÊNCIA COM ESCOLHA DE LIVROS PARA ALUNOS NA
FAIXA DE 10 A 15 ANOS (5^{as} a 8^{as} séries)

Maria Lúcia de Souza D'Alessandro
Professora de Língua e Literatura
Escola Vera Cruz.

Convidada para participar do Encontro de Professores de Língua e Literatura fiz a seguinte pergunta, antes da aceitação do convite:

- Levar "dúvidas", "descaminhos" e "desencontros" serve?

Parei então, para refletir sobre as minhas próprias palavras.

Dúvidas vindas de muitos anos trabalhando numa sala de aula. De início, em escolas estaduais, depois em uma escola experimental (a Escola Vera Cruz, onde estou até hoje), no dia-a-dia em que o papel de educadora é muito analisado, avaliado e, principalmente, "braçal". Enquanto professora de Português e com a responsabilidade de treinamento de professoras polivalentes para 5^a e 6^a séries, se, por um lado, adquiri experiências que são riquíssimas, por outro, me distanciei por muito tempo das "novas teorias" e do mundo ao meu redor. (Lógico, que a motivação para buscar informações e teoria são as que ainda continuo achando mais adequadas! Mas, o tempo que sobra para cursos, congressos e principalmente para "aplar" os estímulos por eles provocados, é muito pouco). É como se meu mundo fosse a minha escola; os meus alunos. Olho o mundo através deste ponto de vista. Portanto, não tenho muito o que dizer. Tenho experiências válidas, no campo da seleção de livros juvenis (porque aqui estamos falando deles). Temos acertos, erros e reformulações. Isto posso contar. Temos, porém, dúvidas constantes a respeito de nossas escolhas. Cada livro escolhido, deixa-nos sempre, muitas questões em aberto.

Temos "descaminhos"

Quantas vezes dizemos: — "Este livro é bom para a 5.^a e este é bom para a 6.^a série". E realmente "funcionam" (Por que "funcionam"?). — "Achamos um caminho!" — Conseguimos uma boa seqüência de livros de 5.^a a 8.^a séries!". Como buscamos seqüenciá-los de acordo com as operações mentais, formação de habilidades, faixa etária e, agora, então, como estamos atentos às "ideologias ocultas!" (Daqui a pouco, nenhum livro servirá mais). De repente, as coisas mudam. O caminho não é mais o mesmo. Aqueles livros que "funcionavam" (este termo é realmente muito adequado!) não funcionam mais! O caminho não é mais o mesmo. Temos que buscar novos (trazendo em miúdos, aqueles livros não são os "bons", não estão mais no nosso caminho ou de nossos alunos).

E "desencontros"

Às vezes, "adoramos" um livro. Tudo leva a crer que nossos alunos, que conhecemos "tão bem" vão adorar também. Afinal, não só é interessante para nós, como atende a vários objetivos (e que professor não pensa nisso!): despertará o gosto pela leitura, pois é alegre, descontraído etc, etc, etc; é muito bem escrito, portanto estaremos oferecendo modelos literários. Poderemos, também, avaliar níveis de leitura (tradução, correlação, estruturação). Os alunos não sentem o mesmo entusiasmo. Ficamos arrasados. Mas... Nós não somos tão fúteis: Achar que o livro deve cair na lista negra!? Ainda não. Mudaremos a estratégia de trabalho. — "Foi ela que atrapalhou". Às vezes, descobrimos que foi mesmo. Enfocamos tanto o trabalho com o livro, que esquecemos o livro. Outras vezes não. O trabalho foi tão interessante que gostaram do trabalho. E o livro?

Pois é? Tudo isso e muito mais.

Aqui, paro e me pergunto:

— Afinal, é ou não é uma tarefa difícil escolher

livros para alunos?

É difícil escolhê-los para amigos, marido e filhos, o que não implica uma tão grande responsabilidade, porque, se não quiserem, não lêem. São livres!

E alunos? — Quem são? — Quais são seus interesses? (Se pudessem escolhê-los...) Já têm o gosto despertado? Já dominam a leitura?

A experiência tem nos mostrado que o grande problema na faixa dos 10 aos 15 anos é a diferença de ligação com a leitura.

Alguns ainda têm dificuldade de compreensão. (Quantos problemas se originam aí: livros extensos... letra pequena... vocabulário... edição...); outros não descobriram o encantamento pelo texto literário (livro bobo, não tem muita ação... infantil, não tem nada a ver...); outros, já fisgaram a isca e não é qualquer coisa que serve. Querem ir além!

E nós? Obrigamos a ler?

Eis outra questão: Quantos são os "entendidos", que dizem que livro obrigado não leva ninguém a gostar de ler. E lembram os nossos livros escolares.

"Como? José de Alencar em 7ª série? Isto acaba com qualquer leitor em potencial". (Cá entre nós, já trabalhei com ele e muitos alunos me perguntavam: "— Não vamos ler A Moreninha! E Senhora?")

Voltando ao assunto:

Obrigar a ler?

Escolhido o livro, depois de muita análise e reflexão, marcamos um prazo para trabalharmos juntos com o livro. Decorrido este prazo, uns tantos vêm e dizem: "— Não

li porque comecei e não gostei" (ou outras frases piores). Às vezes, leram três páginas (...).

Porém, trabalhamos em uma escola com um número "X" de alunos. Uma escola que visa formar hábitos de estudos. Como formar hábitos, se o aluno se recusa a ler? Afinal, o livro não traz conteúdo específico que esteja dentro da programação (até este recurso podemos usar, buscando livros relacionados com programação de outra área!), é chato e ele não quer ler. Sabemos as habilidades de leitura que estamos querendo desenvolver, mas juramos por Deus, pelo conteúdo deste livro? Ficamos inseguros.

Cada vez mais, tenho adotado com alunos e professores uma atitude de bom senso.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O aluno que se recusa, está dentro de um contexto X ou Y. Qual a sua atitude perante as outras matérias? Qual a atitude diante de outros professores? Qual a sua relação com outros livros? Procuramos assim chegar a um diagnóstico para esta recusa. Temos tomado uma atitude mais rígida em 5^{as} e 6^{as} séries. Parece que em nível de 7^{as} e 8^{as} séries esse problema diminui.

Estratégias variadas são usadas: às vezes, opções de leitura (embora sintamos que o trabalho de troca, perca muito).

Porém, lá no nosso fundinho, a escolha fica como uma carga. Nós escolhemos alguns, censuramos outros.

Ficam aqui, reflexões por fazer a respeito da importância do papel do professor como introdutor da literatura na vida dos alunos.

Esta questão para mim, é fundamental

Parece-me que quanto ao conteúdo das áreas, temos um consenso; existem livros didáticos para um norteamento; existem guias curriculares. Enfim, existem parâmetros.

A escolha do livro é mais fácil, do ponto de vista de uma seleção ao nível de oportunidades de trabalho com habilidades de leitura.

Porém, quanto ao conteúdo do material selecionado? Somos nós e nossos valores que estamos entrando. Somos nós, com nossas preferências. E não acho que possa ser diferente.

É um trabalho de análise constante de nossos valores e um bom conhecimento dos alunos que nos levará a uma escolha. E teremos volta, porque os valores de nossos alunos podem mexer com os nossos.

Tudo isto é realmente muito rico e um processo mútuo de crescimento. Acredito que poderemos ser críticos, ver as opiniões de outros, receber e ler todos os "paradidáticos"; criticá-los ou elogiá-los, mas, caberá a nós, termos a confiança, de que o livro é bom, porque naquele momento, nós acreditamos nele.

Gostaria de citar o que uma aluna da 8ª série escreveu, a respeito do concurso "O livro que mais gostei da VI Bienal" e que me ajudou a ser mais otimista quanto aos meus acertos e erros na escolha de livros.

"Um livro nunca é o mesmo para duas pessoas, porque cada um que lê, põe de si na leitura. E digo mais, penso que o mesmo livro lido pela mesma pessoa em fases diferentes, toma outro significado. Por isso eu diria, que o livro que mais gostei é 'O livro', todos os que já li e que hoje são parte de mim e do que sou".